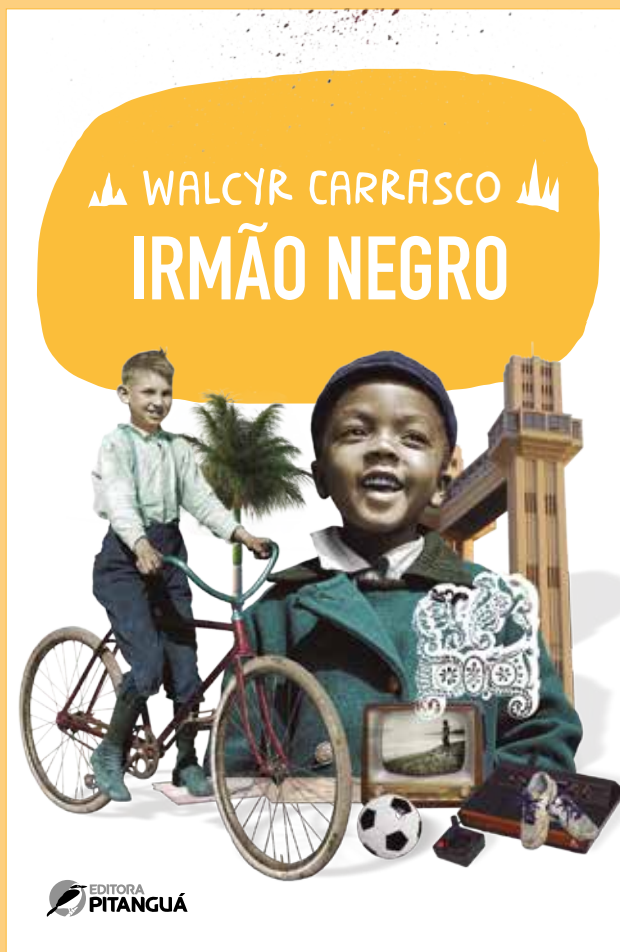


## MANUAL DO PROFESSOR



# IRMÃO NEGRO

WALCYR CARRASCO

Organização pedagógica  
Maria José Nóbrega

## ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

“O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?”<sup>1</sup>

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “Trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.<sup>2</sup>*

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

<sup>1</sup> *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

## UM POUCO SOBRE WALCYR CARRASCO, O AUTOR DE *IRMÃO NEGRO*

Walcyr Carrasco nasceu em Bernardino de Campos (SP), em 1951, e foi criado em Marília. Depois de cursar Jornalismo na USP, trabalhou em redações de jornais, escrevendo desde textos para coluna social até reportagens esportivas. É autor das peças de teatro *O terceiro beijo*, *Uma cama entre nós*, *Batom* e *Êxtase*, sendo que esta última conquistou o prêmio Shell de Teatro, um dos mais importantes do país. Muitos de seus livros infantilo-juvenis já receberam a menção de “Altamente recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Entre suas obras publicadas, estão: *Irmão negro*, *O garoto da novela*, *A corrente da vida*, *O menino narigudo*, *Estrelas tortas*, *O anjo linguarudo*, *Mordidas que podem ser beijos*, *Em busca de um sonho* e *A palavra não dita*. Também escreveu minisséries e novelas de sucesso, como *Xica da Silva*, *O cravo e a rosa*, *Chocolate com pimenta*, *Alma gêmea*, *Sete pecados*, *Caras & bocas* e *Morde & assopra*.

Dedica-se ainda a traduções e adaptações.

Além dos livros, Walcyr Carrasco é apaixonado por bichos, por culinária e por artes plásticas.

É membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.



© WLL-SAMBRIN

### A OBRA

Leo, o narrador, é filho único e sempre desejou ter irmãos. Sua mãe recebe uma carta e fica perplexa ao saber que uma irmã – que fugira com o namorado há muitos anos – falecera e deixara um filho, Sérgio, que estava praticamente abandonado, vivendo nas ruas de Salvador. A mãe de Leo viaja e traz o primo, que deverá ser incorporado à família como “irmão” de Leo. Sérgio é negro e a convivência se mostra difícil: o menino é faminto e calado, assusta-se com facilidade, desconhece a vida de classe média, é discriminado na escola e nas festas de Leo. O narrador, porém, aprende a enfrentar o preconceito e ajuda seu irmão a se integrar com as outras crianças. A família acaba descobrindo os motivos do trauma do menino negro: ele havia presenciado um violento massacre de crianças na rua.

### COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

*Irmão negro*, de Walcyr Carrasco, é uma novela – história intermediária entre o conto (uma narrativa curta) e o romance (uma narrativa longa) – que trata de um tema difícil: o racismo. A crítica ao preconceito racial é sempre bem-vinda em uma sociedade que, não admitindo ser racista, acaba por aprofundá-lo. Confundir causas e consequências do racismo tem provocado a manutenção dessa maneira sem fun-

damento de conceber certas diferenças entre as pessoas. Assim, o enredo de *Irmão negro* tematiza as contradições de sentimentos e emoções envolvidas não só nas relações de Sérgio, Leo e seus amigos, mas nas dos próprios adultos e seus preconceitos seculares.

Como Leo é narrador-personagem, o leitor sabe da história de Sérgio sob essa perspectiva, o que ajuda a criar um clima de mistério sobre a vida pregressa do garoto negro: o que terá acontecido de tão grave para ele ter atitudes aparentemente tão incompreensíveis? É assim que o narrador, devagar, vai enredando o leitor e esclarecendo alguns aspectos da vida de Sérgio. A construção do afeto de Leo pelo irmão adotado e vice-versa é outro elemento que envolve e sensibiliza o leitor.

### QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** Novela.

**Componentes curriculares:** Língua Portuguesa, História, Geografia, Arte.

**Temas contemporâneos:** Direitos da criança e do adolescente; educação em direitos humanos; educação das relações étnico-raciais; vida familiar e social; diversidade cultural.

**Público-alvo:** 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.